

RAMO GRANDE



No ano de 2019, constam do livro genealógico de adultos: 84 machos e 679 fêmeas em linha pura em 581 criadores.

Área de dispersão dos criadores



O solar originário da raça bovina Ramo Grande coincide com a zona geográfica da ilha Terceira com a mesma designação que corresponde à cidade da Praia da Vitória e freguesias vizinhas. Com o decorrer do tempo estes bovinos foram-se estendendo a outras regiões da ilha bem como a outras ilhas.

Atualmente a área de dispersão da raça são seis ilhas do arquipélago dos Açores: Terceira, São Jorge, Faial, Pico, São Miguel e Graciosa.

História e Evolução

Com o povoamento do arquipélago dos Açores no século XV vieram bovinos de diversas regiões do Continente que, devido às características insulares e ao isolamento geográfico, adquiriram especificidades próprias e deram mais tarde origem aos bovinos Ramo Grande. Os primeiros povoadores da ilha Terceira eram de origem Minhota e Algarvia e fizeram-se acompanhar de várias espécies pecuárias. Portanto, seria natural que os animais daí levados fossem os que existiam nessas regiões (Leitão et al., 1943). Quando os navegadores saíram de Sagres e conduziram esses animais e, mais tarde, quando levaram os primeiros povoadores, o Algarve era o centro de dispersão da então variedade algarvia da raça Alentejana, enquanto a região do Minho era um dos principais centros de expansão dos bovinos da raça Galega ou Minhota.

Segundo Medeiros (1978) as raças introduzidas nos Açores foram as nacionais, tais como a Alentejana, a Mirandesa, a Minhota e a Algarvia que sujeitas à insularidade deram origem a um tipo de bovino de pelagem avermelhada, que era designado pela “raça da terra” e que contribuíram para originar um núcleo de animais designado por “Ramo Grande”.

Em 1996 é instituído o Registo Zootécnico/Livro Genealógico da raça Ramo Grande, com vista a preservar o reduzido censo que existia. A gestão técnica do Livro está a cargo da Direção Regional da Agricultura da Secretaria Regional da Agricultura e Florestas do Governo dos Açores.

Caraterísticas e aptidões

Atendendo às condições naturais da Região Açores, o sistema de exploração do bovino Ramo Grande, caracteriza-se por um regime de pastoreio ao longo de todo o ano. O criador tem a preocupação de tentar fazer coincidir com os picos de erva na primavera, as necessidades dos animais, nomeadamente na fase da lactação. Assim, a época de parição das fêmeas está mais concentrada nos meses de fevereiro a maio.

Os bovinos Ramo Grande caracterizam-se pela sua corpulência e ótimas qualidades de trabalho, tendo sido tradicionalmente explorados como produtores de carne, leite e trabalho, isto é, com tripla aptidão. Os fatores que mais têm contribuído para o acréscimo de bovinos da raça, nos últimos anos, para além da utilização crescente da inseminação artificial e dos incentivos previstos nos pagamentos agroambientais, são o temperamento dócil e de fácil ensino e a participação assídua nos cortejos etnográficos e nas festas tradicionais açorianas.

√ Rusticidade √ Longevidade produtiva √ Boa capacidade maternal √ Docilidade

Padrão da Raça

Aspeto Geral - Estes bovinos caracterizam-se por apresentarem um esqueleto forte e articulações largas, além da sua enorme estatura. Sendo longilíneos, o terço anterior é mais desenvolvido que o posterior o que se coaduna com uma raça portadora de excecionais qualidades de trabalho;

Pele e pelagem - Nestes bovinos a cor da pelagem é o vermelho mais ou menos intenso, simples, ou, raras vezes, malhado em determinadas zonas específicas. A cor da pelagem dominante na ilha Terceira é a vermelha flava, enquanto que, para a ilha de São Jorge, verifica-se uma maior percentagem de pelagem vermelha cereja.

A coloração predominante das aberturas naturais é a almarada; a coloração escura existe numa percentagem pouco significativa de animais. No que respeita à cor das órbitas, a coloração clara também é a que predomina nas várias ilhas, apesar de a coloração escura apresentar valores ligeiramente superiores no caso da ilha de São Jorge;

Cabeça - Bem desenvolvida, marrafa pouco farta e assente numa protuberância frontal pouco saliente. O perfil é predominantemente convexo, caracterizado por uma protuberância frontal proeminente ou arredondada, em calote esférica, órbitas não salientes.

Os cornos apresentam um tamanho médio e são predominantemente opistóceros, isto é, à nascença desviam-se um pouco para trás, saem depois quase horizontalmente para os lados, voltando-se para a frente, com as pontas viradas para cima;

Pescoço - Regularmente desenvolvido apresentando o bordo superior reto ou pouco convexo, enquanto que o inferior é provido de barbela que, por ser pouco desenvolvida, quase passa despercebida;

Tronco - O tronco, no seu conjunto, chama a atenção pelo desenvolvimento mais acentuado no terço anterior em relação ao posterior, ligados entre si por um costado pouco alto e pouco arqueado, o que o torna um tanto achatado. A opção atual de exploração dos animais sobretudo para a produção de carne tem permitido o melhoramento desta conformação tornado os animais mais harmoniosos;

Sistema mamário - Útero medianamente desenvolvido e com boa implantação; os tetos têm, no geral, um desenvolvimento assimétrico e são grossos. A cor do úbere difere podendo ser branco ou esbranquiçada, avermelhado ou vermelho malhado de branco;

Membros - Os membros são de longitude média a elevada, com boas articulações, aprumos corretos e terminam por unhas afogueadas e resistentes.